

VIDA APÓS A MORTE¹

Swami Lokeswarananda²

Os fenômenos da vida e da morte são realmente grandes mistérios, talvez ainda mais este último. Alguém nos cria? Quem nos cria e por quê? Se Deus nos cria, por que Ele nos deixa morrer? A morte é um castigo? Se é um castigo, como é então que uma criança inocente que não fez nada de errado ou, em qualquer forma, ofendeu a Deus, morre de doença ou em um acidente? Similarmente, por que um homem santo que passou toda a sua vida orando e fazendo o bem aos outros morre? Mais pertinente é a questão: Por que é que alguns são ricos e alguns são pobres, alguns inteligentes e alguns tolos? Por que existem tais disparidades? Quem as inflige e por quê? Se é dito que é a vontade de Deus, que tipo de pessoa é este Deus? Um tirano arbitrário, não responsável perante ninguém, irracional e sem princípios?

Depois há a questão: o que é a vida? Às vezes um homem saudável com todos os seus órgãos intactos é encontrado morto. As pessoas dizem que está faltando a 'a vida' nele. O que é esta vida? Consciência? O que é consciência? Às vezes um homem pode estar inconsciente e ainda assim vivo. Ele pode continuar neste estado por anos. A morte é cessação da vida, mas quando você não pode definir a vida, como você pode definir a morte? No entanto, nós vemos alguém morto e destruimos seu corpo. Sem ser capaz de dizer o que exatamente aconteceu com ele, as pessoas dizem que seu 'espírito' deixou seu corpo. Às vezes a palavra que usam é 'alma' ou mesmo 'ser'. O que é este 'ser' mesmo?

DUAS ESCOLAS

Existem duas escolas de pensamento sobre este assunto: os materialistas e os espiritualistas. A primeira escola diz que tudo o que existe no homem nada mais é do que matéria. Ela não reconhece que há algo além da matéria neste mundo. De acordo com esta escola, o homem é o corpo. Por exemplo, os antigos egípcios e babilônios mantinham esta crença. É por isso que eles embalsamavam o corpo quando um homem

¹ Tradução do livreto em inglês "*Life After Death*" publicado pelo *Ramakrishna Mission Institute of Culture* (1987).

² Swami Lokeswarananda (1909-1998), foi Secretário do *Ramakrishna Mission Institute of Culture* desde 1973 até seu falecimento.

morria. Não apenas preservavam o corpo, eles providenciavam para o homem comida, bebida, roupas, incluindo até mesmo servos (os quais eles obviamente matavam) para servi-los. As pirâmides do Egito dão testemunho disso. Dentro dessas pirâmides você pode encontrar múmias, algumas com vários milhares de anos, completas com todas as necessidades da vida. Estas são corpos mortos de reis (Faraós, como os egípcios os chamavam) que, mesmo mortos, precisavam de todas as coisas a que estavam acostumados quando vivos. Enormes pirâmides foram construídas para a memória desses reis, que causam admiração ainda hoje e atraem turistas de todo o mundo. O que eles pensavam sobre a vida não é conhecido, nem se sabe se eles tinham alguma ideia sobre o que é chamado de 'espírito' ou 'alma'. Eles obviamente pensavam que o Faraó, mesmo morto (em nosso sentido, é claro) não poderia ficar sem nutrição ou seus confortos habituais.

Houve materialistas também na Índia, os *Charvakas*, por exemplo. Eles negam que exista qualquer coisa como alma ou o outro mundo. Para eles o corpo é tudo e a vida presente é a única vida. Nada existe após a morte ou além deste mundo. Então eles pregam 'Aproveitem-se enquanto a vida dura!' Se necessário, até mesmo peguem dinheiro emprestado 'para comer manteiga'. Não se preocupem com o reembolso, pois com seu corpo reduzido a cinzas após a morte, não há retorno para você e, portanto, nenhuma questão de reembolso. A morte apenas é a liberação. A alma é o corpo consciente. A percepção é a única autoridade. (Brhaspati, *Sarvadarsana Samgraha*, Cap. V).

Cientistas também são materialistas. Eles sustentam que a matéria é a única realidade e não há nada além da matéria. Energia também é matéria; pois agora foi provado que matéria e energia são intercambiáveis.

NENHUMA CRIAÇÃO

E sobre a vida? De onde ela veio? Alguém a criou? Quem a criou? Se você aceita a teoria da criação (da vida ou de qualquer outra coisa no universo), quem então criou o criador original? **A ideia de criação não apela à razão. Criar algo do nada? A própria ideia é absurda. Os hindus sustentam que não há 'criação'; há, em vez disso, 'manifestação'.** O universo deve ter pré-existido em forma seminal em algum momento ou outro. Quando as condições eram propícias, ele se manifestou. Como a semente germina e eventualmente cresce em uma árvore. Tomemos o caso de uma árvore de *banyan* [figueira da Índia] A árvore inteira, completa com seu tronco, folhas, galhos, brotos, etc., saiu de sua semente. A árvore de *banyan* é grande, mas a semente é pequena, na verdade entre as menores de todas as sementes. No entanto, a árvore inteira estava nela — em um

estado potencial, é claro. Quando o tempo estava maduro, ela saiu da semente e se tornou manifesta. O processo é um de mudança de forma — aquilo que era não manifesto se tornou manifesto. Não é que algo novo veio a existir. Como a criação, a destruição também é mudança de forma. Não é que aquilo que existia cessa de existir, apenas muda sua forma. Porque não é mais visto em sua forma familiar, é considerado que foi destruído. O total das coisas que existem no universo é sempre o mesmo. Assim também os elementos básicos que as constituem. Eles mudam de formas — isso é tudo. Criação e destruição referem-se a formas — e, portanto, também apenas a nomes.

ESPIRITUALISTAS: CONSCIÊNCIA

Os materialistas, incluindo cientistas, dizem que a consciência (ou mente) também é matéria. Mas pode a matéria ser inteligente? A matéria pode sentir ou pensar? Eles provavelmente dirão: 'Sim, pode. Pode quando tem um cérebro.' Mas o que é um cérebro? Do que é feito? O cérebro, de acordo com eles, também é feito de matéria. Através de processos evolutivos a matéria se tornou sensível e finalmente o cérebro emergiu. Como eles veem, o cérebro é a sede da consciência. É o cérebro que fornece o impulso para o homem sentir, pensar e agir. **Mas o cérebro pode funcionar independentemente?** O cérebro mesmo sente, pensa e age ou alguém o usa para fazê-lo? Se você retirar o cérebro de um homem, ele funcionará como antes? Se não, por que não? Às vezes um homem morre com seu cérebro em perfeitas condições de funcionamento. Para onde foi a consciência então? O cérebro, na melhor das hipóteses, é um instrumento que pode operar se houver um operador. Pode haver qualquer música sem um músico? Pode o harmônio produzir qualquer música a menos que alguém o toque? Há um ser consciente que usa o cérebro para seus propósitos. Ele pensa, planeja, argumenta, discrimina; ele escreve, pinta, faz invocações; ele filosofa, lidera sua nação, luta contra seus inimigos; ele faz todas essas coisas e muito mais com a ajuda de seu cérebro, **mas o cérebro é apenas um escravo e não o mestre. Quando este ser consciente deixa o corpo, o cérebro se torna inútil.** É como um instrumento musical para o qual o músico não tem mais uso.

O PONTO DE VISTA HINDU

Para um estudo preliminar do ponto de vista hindu, pode-se fazer referência ao *Gita* e ao *Katha Upanishad*. O *Gita* diz: 'Aquele que nasce deve morrer, aquele que morre também deve nascer novamente.' (*Gita*, II, 27) Krishna diz: 'Todos, desde o mais humilde até o maior de todos, estão

sujeitos ao renascimento. Não há escape para eles até que, e a menos que, se fundam n'Ele.' (*Gita*, VIII, 16) O nascimento e a morte continuarão enquanto o homem não estiver unido a Deus. Isto sugere que existe uma lei inexorável controlando o nascimento e o renascimento. De acordo com esta lei, a morte e o nascimento se seguem um ao outro 'como o dia e a noite'. Que a morte é certa é compreensível, mas por que também o renascimento? Que prova existe de que existe tal coisa como o renascimento? Isto, de fato, faz parte do tópico que estamos discutindo. Sobre o renascimento Krishna diz a Arjuna: 'Ó Arjuna, Eu tive muitos nascimentos, assim como você. Eu sei tudo sobre eles, mas você não sabe.' (*Gita*, II, 5) Não apenas Arjuna, exceto por algumas poucas almas sábias, ninguém parece saber ou acreditar que existe tal coisa como renascimento ou mesmo que existe tal coisa como a alma e que a alma vive mesmo após a morte. **Para a maioria das pessoas, a morte é o fim de tudo.** Em uma época, no entanto, o culto aos antepassados era comum em todo o mundo. Mesmo agora ele persiste em muitas partes do mundo. Cristãos e Muçulmanos visitam os túmulos de seus amigos e parentes em toda ocasião importante para oferecer flores. A quem eles oferecem flores se o corpo é tudo? Obviamente eles acreditam que existe tal coisa como a alma (talvez eles prefiram a palavra 'espírito') que continua mesmo após a morte. Eles oferecem flores a esta alma porque deve ser que eles a consideram a essência do homem. Tanto Cristãos quanto Muçulmanos acreditam no que é chamado o Dia do Julgamento. Neste dia eles têm que aparecer diante de Deus para julgamento. Se eles foram bons, poderão ir para o céu, caso contrário terão que ir para o inferno. Agora, como eles podem aparecer diante de Deus já que seus corpos, há muito enterrados sob a terra, devem ter se desintegrado completamente? Deve ser que existe algo mais do que o corpo para constituir um homem, chame-o de alma ou espírito, o que você preferir. Shakespeare certamente acreditava na continuidade do espírito após a morte. Em seu *Hamlet*, nós vemos o espírito do pai de Hamlet aparecendo diante de Hamlet e narrando a ele como ele foi morto por seu próprio irmão e instando que ele se vingue de seu tio por isso. O espírito tinha um corpo sutil, mas era bastante reconhecível. O Antigo Testamento registra um fenômeno similar quando diz: 'E Saul percebeu que era Samuel, e ele se inclinou com o rosto no chão e fez reverência.' (Samuel I, cap. XXVIII, 14) **Os Hindus, no entanto, sempre acreditaram que a alma é o homem real e que o corpo é apenas uma capa externa.** Ele descarta esta capa quando ela fica velha e gasta e assume uma nova. Isto é lindamente explicado por Krishna no *Gita*, vide II, 22. Hindus realizam uma cerimônia chamada *Śrāddha* (derivado de *Sraddhā*, respeito) para honrar seus ancestrais. Eles oram nesta ocasião para que seus ancestrais possam viver no *Pitrloka* (o mundo onde todos os seus ancestrais estão vivendo juntos) em paz e, quando eles voltarem à terra

novamente, que sejam devotados a Deus. Como uma marca de boa vontade para com seus ancestrais, eles alimentam os pobres e distribuem riqueza para propósitos caridosos. A prática de construir escolas, hospitais e instituições similares em memória dos ancestrais ainda prevalece.

A ALMA APÓS A MORTE

Existem diferentes *lokas* (mundos), para os quais as almas vão após a morte. A natureza dos *lokas* é determinada pelo tipo de pessoas que as almas são. Ao morrer, elas passam por um túnel escuro que conduz a um vale brilhante. Neste vale elas são muitas vezes encontradas por seus entes queridos mortos. Há pessoas que demoram a perceber que estão mortas. De repente, elas se encontram fora do corpo. Assustadas, tentam reentrar nele, mas é claro que é tarde demais. Algumas delas são tão apegadas ao lugar onde viveram e a seus parentes e amigos que ficam por perto por um bom tempo. Há casos em que pessoas mortas fazem sua presença ser sentida. Existem dois grandes *Margas* (caminhos) pelos quais as pessoas viajam após a morte — *Pitriyana* e *Devayana*. O primeiro as leva ao *Chandraloka* (*Pitrloka*) e o último ao *Brahmaloka* (o mundo de *Brahmā*). Aqueles que vão para o primeiro voltam à terra após ‘desfrutarem os frutos de suas ações em seu nascimento anterior’, mas aqueles que vão para o último (*Brahmaloka*) nunca voltam à terra. Eles são pessoas que nunca se importaram com os prazeres terrenos. Sua única preocupação ao longo de sua vida tem sido como realizar Deus. Eles passam algum tempo no *Brahmaloka* e então se tornam um com Deus. Eles atingem a salvação, vide *Gita*, IX, 21 e *Brahmasutra*, 3/1/8. Eles são pessoas que não estão interessadas no céu, porque sabem que nem mesmo o período no céu vai durar para sempre. Há pessoas que não estão interessadas nem mesmo no *Brahmaloka*, elas preferem o estado conhecido como *Jivanmukti* (libertado mesmo nessa vida). É um estado no qual se está no mundo, mas não é do mundo. Vive-se a vida sem estar envolvido nela, nem no mais mínimo. É uma vida de desapego, uma vida na qual se está em constante comunhão com Deus (o verdadeiro Ser do homem). **Esse homem, já livre, não tem renascimento. Na morte, ele se funde em Deus como uma gota de água caindo no mar.**

NACHIKETA

Enquanto estamos discutindo o fenômeno da morte, vamos por um momento estudar o encontro de Nachiketa com Yama (o Deus da morte) e seu diálogo com ele. Será como aprender o segredo da morte diretamente da fonte. A história, como ocorre no *Katha Upanishad*, é a seguinte: O pai de

Nachiketa realizou um sacrifício que exigia que ele desse todos os seus bens. Ele, no entanto, deu coisas para as quais não tinha mais utilidade. Por exemplo, ele distribuiu vacas que eram velhas, fracas e há muito passadas da idade em que poderiam ser úteis para qualquer pessoa. Nachiketa, inteligente o suficiente para entender a blasfêmia disso, protestou. Ofendido, o pai o amaldiçoou dizendo: 'Vá para Yama.' Ele foi para a casa de Yama, embora seu pai tentasse o melhor para dissuadi-lo de ir. Yama não estava em casa quando Nachiketa chegou e ele não retornou até que três dias se passassem. Como forma de compensar sua falha em hospitalidade, Yama ofereceu três dons a Nachiketa, um dom para cada dia de sua incapacidade de receber Nachiketa com a devida cortesia. É o último dom que Nachiketa pediu que se relaciona com a morte. Nachiketa perguntou a Yama: 'Por favor, diga-me o que acontece quando a morte alcança um homem. Ele é completamente extinto ou algo dele permanece?' A princípio, Yama estava relutante em responder a esta pergunta. Ele fez vários apelos e até tentou tentá-lo com ouro e outros objetos para dissuadi-lo de insistir nesta questão. Mas Nachiketa estava inflexível. Ele não aceitaria nada menos que uma resposta para esta pergunta. Talvez Yama estivesse testando-o e quando ele ficou satisfeito, revelou o que é considerado a mais elevada verdade. É a verdade sobre a natureza do cosmos, sobre a realidade última, sobre a relação do homem com a realidade última, sobre o nascimento e a morte, e outros assuntos. O que ele ensinou é conhecido como Vedanta (a essência dos Vedas). No entendimento comum, existem três livros-fonte (*Prasthanatraya*) da Vedanta: Os *Upanishads*, o *Gita* e o *Brahmasutra*. Pode-se dizer que este Vedanta é o ápice do pensamento filosófico na Índia.

VEDANTA

Agora, o que a Vedanta diz? Podemos começar a resposta com uma história (*Kena Upanishad*): Uma vez os *devas* estavam celebrando uma vitória — eles haviam vencido uma batalha com os *asuras*. Eles estavam se lisonjeando com seu próprio desempenho quando sua atenção foi chamada por uma figura que apareceu não muito longe de onde eles estavam. Eles não conseguiam discernir quem era. Os *devas* encarregaram o Fogo para investigar quem era. Quando o Fogo se aproximou da figura, ela lhe perguntou: 'Quem é você e o que você pode fazer?' O Fogo disse: 'Eu sou o Fogo e posso queimar tudo na terra.' A figura colocou uma palha diante do Fogo pedindo-lhe para queimá-la. Ele tentou o seu melhor, mas não conseguiu queimá-la. Em seguida, veio o Ar. Quando perguntado o que ele podia fazer, ele disse que podia soprar com tudo. A figura pediu ao Ar para soprar a palha. Ele tentou o seu melhor, mas sem sucesso. Finalmente,

Indra foi adiante para descobrir a identidade da figura, mas quando ele o fez, a figura desapareceu. Simultaneamente, uma donzela bela apareceu. Ela revelou a ele que os *devas*, ou homens ou qualquer outro no universo, não tinham poder próprio, eles derivavam seus poderes de Brahman. Quem é Brahman — é o criador? Não, não há criador e não há criação, de acordo com a Vedanta. Brahman é a fonte de tudo. De Brahman tudo tem sua origem; n'Ele tem seu ser e também n'Ele finalmente se dissolve. *Brahmasutra* (I.I.2). Isto é ainda apoiado pelo *Svetasvatara Upanishad*, I.I.-3, o *Chandogya Upanishad*, III.14, e o *Taittiriya Upanishad*, III.1. O verso de abertura do *Isha Upanishad* também ecoa a mesma ideia, mais ou menos.

Em resumo, toda a série de textos Vedânticos tenta estabelecer que sem Brahman nada existe e que Brahman é a própria Existência. É a única Realidade.

BRAHMAN

A palavra 'Brahman' literalmente significa o maior. O maior porque está em toda parte, em todo ser e em tudo. É o espírito interior de tudo. É a causa material e eficiente do universo. O universo não é nada além de Sua manifestação. O processo de manifestação não O faz sofrer qualquer mudança. No meio das mudanças e decadência que vemos ao nosso redor, Ele é sempre o mesmo. É uma entidade sem atributos, incondicionada. É a Base sobre a qual o universo é sobreposto como uma miragem no deserto. Brahman também é imortal e autoluminoso. É Existência Absoluta, Conhecimento Absoluto e Bem-aventurança Absoluta. É *Sat-Chit-Ananda*. Brahman ou *Sat-Chit-Ananda* não é um nome para a Realidade Última, a fonte da qual o mundo veio; ela é sem nome, assim como é sem forma. Está além do pensamento e da fala. *Taittiriya Upanishad - Brahmananda Valli*, 2.4. 'Aquilo' (*tad*) é talvez a palavra mais apropriada para se aplicar a Ele. Radhakrishnan, em seu *Indian Philosophy* (Vol. 1, p. 93) cita o *Nasadya Sukta*, que, em parte, diz o seguinte:

*Then 'that', the primal font of life -
breathless- to its
own māyā joined - Brooded eternally.
Itself beside,
In the wide universe there nothing was.
In the beginning gloom - gloom hidden in
gloom!
From its cause undistinguished stood the
world:
But lo, thereafter from its darkling state -
Yet undistinguished from its cause - it rose,
By the pure will of 'that' made manifest.*

*Whence came this will? From out of a seed it came
Asleep within the heart of 'that' – the seed
Of vanished worlds 'that' have in order wheeled
Their silent courses from eternity; the manifest,
in the unmanifest they found.*

Como a aranha emite uma teia de dentro de si mesma e também pode retrai-la dentro de si mesma, o mesmo acontece com Brahman e o universo. Ele é ao mesmo tempo imanente e transcendente. (*Mundaka Upanishad*, I.I.7). O processo de manifestação é assim: De Brahman vem o Éter; do Éter o Ar; do Ar o Fogo; do Fogo a Água; e da Água a Terra. Isto é no que diz respeito ao aspecto material da manifestação (ou evolução em termos mais familiares) – a camada física (*Annamaya Kosha*). Da matéria vem a vida (*Pranamaya Kosha*), da vida a mente (*Manomaya Kosha*), da mente o intelecto (*Vijnanamaya Kosha*) e do intelecto a bem-aventurança (*Anandamaya Kosha*) – aqui está o aspecto moral da manifestação. Material ou moral, tudo é Brahman se manifestando. Alguns cientistas sugerem que o processo de manifestação (evolução para eles) não parou; ele continuará com uma ordem mais elevada de humanidade emergindo a cada virada de era. A mudança não será no plano físico, mas no moral. Mas onde isso vai terminar eventualmente? Cientistas não podem responder a esta pergunta, mas aqueles que acreditam na Vedanta dirão que o homem voltará para onde ele começou – Brahman. Ele realizará sua verdadeira identidade. Ele realizará que ele não é nada além de Brahman; em linguagem popular, ele atingirá a divindade. Isto, de acordo com a Vedanta, é o objetivo da vida. Isto é o que é popularmente conhecido como liberação, pois não há mais nascimento e morte para ele. Neste ponto, a vida é toda bem-aventurança (*ānanda*) para ele. A questão é: Todos os homens e mulheres alcançarão este desenvolvimento simultaneamente? Obviamente não (embora alguns acreditem que sim), apenas os indivíduos mais afortunados podem atingir este objetivo.

ĀTMAN (SER)

Existe uma consciência do 'eu' (*ahamkāra*) em todos nós. Até o menor dos insetos a tem. Se você machuca uma formiga, ela reagirá imediatamente. Esta consciência do eu é nosso verdadeiro ser. Uma vez que este 'eu' é comum a todos nós, há apenas um Ser, um Ser Universal, que em Sânscrito é conhecido como *Paramātmān*. Isso significa que somos todos um – desde o menor até o maior. Este *Paramātmān* é o mesmo que Brahman – *Paramātmān* subjetivamente falando e Brahman objetivamente falando. No nível transcendental, sujeito e objeto se tornam um: há apenas unidade e nada mais. Novamente, a Vedanta enfatiza esta unidade da

existência. Todos nós estamos familiarizados com a declaração do *Rig Veda*, I.164.46 — *Ekam sad viprah bahudha vadanti*: ‘A Realidade é uma, mas os sábios a definem de várias formas’. ‘Ele é Um, mas aparece de muitas formas’, diz o *Taittiriya Upanishad*, III.14.1. ‘O mesmo Ser está em todos os seres. É onipresente. É o ser mais íntimo de todos.’ O *Svetasvatara Upanishad* VI.II. O mesmo *Upanishad*, também diz: ‘Você é um, ainda assim, é encontrado em todos.’ (III.4.3). Krishna diz no *Gita* (X.20): ‘Eu estou em cada ser.’ Todos os corpos são os corpos d’Ele (de Brahman). (*Brihadaranyaka Upanishad*, II.5.19). O *Svetasvatara Upanishad*, IV.4 diz: ‘Você (Brahman) é a mulher, você é o homem, você é o menino e você é também a menina. Você é o velho andando com o apoio de uma bengala, você é também o bebê recém-nascido; você é o mesmo em muitas formas.’ Unidade na diversidade — este é o tema central da Vedanta.

Se somos um, como é então que amamos alguns e odiamos outros? Devido à ignorância. Isto não acontecerá quando virmos o mesmo Ser em toda parte, quando virmos que é o meu próprio Ser que é o Ser de todos. ‘Aquele que vê seu Ser em todos os seres e todos seres em seu Ser, não pode odiar ninguém.’ (*Īsopanishad*, 6). Não posso odiar a mim mesmo. Só posso amar. Amor real, simpatia ou caridade só é possível quando se vê a si mesmo em todo ser. O homem pobre mendigando na esquina, o doente, o oprimido, o cachorro ali — todos, todo ser sou eu. Cada um de nós tem um nome e forma separados. A ilusão de que somos separados surge porque pensamos que estes nomes e formas são *reais*. Eles não são reais, porque estão sujeitos a mudanças. Aquilo que muda não é real. A realidade é aquela que é sempre a mesma, imutável e inalterável. Por este critério, apenas Brahman é real. Brahman, isto é, *Paramātmān* (o Ser cósmico). O Ser cósmico é a autoconsciência que é universal, uma característica comum a todos os seres que é cósmica. Isto significa, então, que até um tolo é Brahman? Sim, na essência de seu ser, em sua autoconsciência, apenas neste sentido ele é Brahman. Ele é Brahman escondendo-Se como um tolo, como o sol se escondendo atrás das nuvens. Todos nós somos, de fato, tolos, alguns menores, alguns maiores, a diferença sendo em grau. Somos tolos porque não sabemos que somos Brahman, sem nascimento e sem morte, sempre puro, autoluminoso, sempre livre, o senhor, supremo. Se esta é a nossa verdadeira natureza, por que não a conhecemos? Não a conhecemos porque estamos todos sob o feitiço de *māyā*. Mas o que é *māyā*? É difícil explicar, mas é um fato com o qual temos que lidar. É como ver uma cobra onde há apenas uma corda. Há Brahman, mas não O vemos, vemos em vez disso o mundo, o mundo empírico, com seus atrativos. Com suas alegrias e tristezas, com seus muitos enigmas, o mundo no qual há nascimentos e também mortes. Temos que aceitar o mundo como ele é e ainda assim trabalhar nosso destino dentro de sua estrutura, seja ela o que for e tenha o que tiver. Ele tem que ser considerado como verdadeiro e

temos que trabalhar nosso caminho através do véu que *māyā* lança sobre nós. Quando o verdadeiro conhecimento chega, o véu terá ido embora como as névoas matinais desaparecem quando o sol nasce. Esta *māyā* é o poder (*shakti*) de Brahman, não está separado dele. *Māyā* não é ilusão. É uma mistura do real e do irreal. Ela esconde (por sua *avarana shakti*) e também distorce (por sua *vikshepa shakti*) as coisas. Também é chamada de sobreposição (*adhyasa*). Nomes (*nama*) e formas (*rupa*) pelos quais as coisas são identificadas, são os componentes desta sobreposição. Eles não são a entidade, eles são atributos (*upadhis*). A entidade real é Brahman. Brahman é um, mas por causa da sobreposição de nomes e formas, aparece como muitos. Assim como um homem parece diferente com diferentes trajes que veste. Ele é, no entanto, o mesmo, embora ele pareça diferente. Yama discute a questão longamente no *Katha Upanishad*. Ele indica para Nachiketa a disciplina que se tem que passar para atingir o autoconhecimento. A disciplina é a mais difícil possível, afiada como o fio de uma navalha. A disciplina envolve controle completo da mente. A mente naturalmente vai para o externo (como Yama diz), sempre correndo atrás de objetos sensoriais. O *Mundaka Upanishad*, em seu verso III.1.1, compara a mente a um pássaro que fica provando frutas na árvore o tempo todo. Suas reações variam conforme as frutas são boas ou más. Há, no entanto, outro pássaro na mesma árvore que se retirou completamente do mundo e está absorto em si mesmo. Ele parece estar em um estado de bem-aventurança. O primeiro pássaro logo percebe que é infeliz por causa de sua própria insensatez. Ele pode ser feliz se puder renunciar aos objetos sensoriais como o outro pássaro. Portanto, a renúncia é a chave para o autoconhecimento. Somente ao se afastar de coisas efêmeras pode se qualificar para o autoconhecimento. É preciso também encontrar um mestre competente (*brahmanishtha*); pois pode um homem cego guiar outro homem cego? (*Katha Upanishad*, I.2.5). Tanto o mestre quanto o estudante devem ser pessoas extraordinárias. (Ibid., I.2.7).

A ALMA E A MORTE

Se a autoconsciência [consciência do eu] é o ser, não pode ser que com a morte o ser também morre? Pois não há nenhuma prova de que o ser é algo à parte do corpo. O *Katha Upanishad* dá um belo exemplo para provar que o ser³ é independente do corpo, I.3.3. Assim como o cocheiro é separado da carruagem, assim também o ser é separado do complexo corpo-mente que o homem é. Neste complexo, o ser é o mestre real trabalhando através de seus servos — o corpo e a mente. Sem o mestre, eles são inúteis. Isto é exatamente o que acontece quando o ser se retira do

³ A alma individual. (nota do tradutor)

corpo. Ele [o corpo] pode estar intacto com todos os seus órgãos, ainda assim está morto. Mas como é que não podemos ver o ser? Isto porque o ser não é um objeto como, digamos, uma mesa. Como pode o conhecedor conhecer a si mesmo? Podemos não ser capazes de ver o ser, mas não podemos duvidar de sua existência. Posso duvidar de que eu existo? Que o ser não é o corpo pode ser facilmente visto. Quando estou acordado, estou ativo. Estou fazendo algo ou outro com meu corpo. Quando estou dormindo, não estou fazendo nada fisicamente, mas sonho como se estivesse viajando, visitando amigos, correndo, rindo, brincando, fazendo todo tipo de coisas. Sonho que estou fazendo estas coisas fisicamente, embora esteja realmente deitado na cama. Isto mostra que a mente é separada do corpo. Às vezes experimentamos o que é chamado de sono 'sem sonhos' (*sushupti*). Dormimos profundamente sem qualquer sonho. Quando acordamos, nos sentimos tremendamente revigorados. Levamos um bom tempo para perceber onde estamos e que horas são. Isto significa que a mente não estava funcionando por tanto tempo. O que aconteceu com a mente? A autoconsciência havia se retirado da mente. A mente é basicamente material e um órgão interno do corpo, estava deitada sem uso pelo ser. Livre dos incômodos do corpo e da mente, o ser estava em sintonia com o Ser Cósmico (*Paramātmān*). A paz e a alegria que sentimos neste estado vêm do Ser Cósmico porque o Ser Cósmico é por natureza bem-aventurado. (*Taittiriya Upanishad*, 3/6).

Isto mostra que o ser existe e é independente do corpo e da mente. O ser os usa como e quando deseja, mas também pode se retirar deles. No sono sem sonhos, ele está completamente desapegado deles, assim como está desapegado quando a morte ocorre. O sono sem sonhos é muito parecido com a morte e voltar ao estado de vigília é como o renascimento. Mas por que ele volta? Por que não continua no estado de bem-aventurança em que estava? O ser tem que voltar ao estado de vigília porque ainda está sob o controle da Ignorância (*avidyā*). Ele ainda tem muitos desejos não realizados e estes desejos constituem um vínculo do qual não há escapatória até que seja capaz de superá-los. São os desejos que controlam nosso nascimento e renascimento. **Quando estamos livres de desejos, também estamos livres do nascimento e do renascimento.** Nós completamos o ciclo e somos capazes de voltar à nossa fonte.

KARMA

Porque temos desejos, somos impelidos a trabalhar em vários níveis para sua satisfação. O engraçado sobre os desejos é que você nunca pode totalmente atender suas demandas. Eles se multiplicam e também crescem em intensidade. Como resultado, você continua trabalhando por toda sua

vida. Mas trabalho significa mais vínculo, pois tudo o que fazemos produz resultados que se apegam a nós, quer gostemos ou não. É o que fazemos que determina nosso passado, presente e futuro. **Somos os arquitetos de nosso destino. Colhemos o que semeamos. Somos os produtos de nosso próprio trabalho [as ações].** Vemos muita disparidade entre um homem e outro, fisicamente ou de outra forma. A disparidade é inteiramente devida ao seu trabalho. Não é que algum Deus caprichoso seja responsável por esta disparidade. Quando uma criança morre ou quando uma jovem perde seu marido, colocamos a culpa em Deus. Mas Deus não tem nada a ver com isso. Tanto a criança quanto a jovem estão colhendo os frutos de o que fizeram em suas vidas passadas. **A menos que se aceite que existe tal coisa como uma vida passada, é difícil explicar as anomalias que constantemente nos confrontam na vida presente.** Há uma tendência a explicar tudo em termos de hereditariedade e ambiente. Como é então que dois irmãos, nascidos dos mesmos pais e criados no mesmo ambiente, são polos opostos em caráter? Há muitas dessas anomalias que só podem ser explicadas se aceitarmos o conceito de reencarnação.

MORTE E RENASCIMENTO

É seu próprio trabalho (ação ou *karma*) que decide quando um homem morrerá; onde e de que maneira. O mesmo se aplica no caso de seu renascimento, exceto que neste caso o karma de seus futuros pais também é um fator determinante. É, no entanto, dito que se o homem morre com sua mente fixa em Deus, ele é salvo. (*Gita*, VIII.5).

Como já disse, algumas pessoas deixam o corpo muito relutantemente. Elas podem continuar perto do local de sua morte por alguns dias, talvez até meses e anos. Conheci uma jovem senhora que morreu deixando para trás um menino de dez anos. Quando seu corpo morto estava a caminho do crematório, ela apareceu diante do menino e disse: 'Filho, por favor, estude bastante.' O menino estava sozinho em um quarto. Ele gritou: 'A mãe veio, a mãe veio.' Quando outras pessoas entraram no quarto, ela havia ido. Há exemplos em que um homem morto relata sua morte a seus amigos. Pessoas que têm visto fantasmas são muitas. Eu mesmo vi fantasmas em pelo menos duas ocasiões. Uma vez ouvia uma risada aterrorizante todas as noites. Eu a ouvia, mas ninguém mais nas proximidades a ouvia. Quando mencionei isso a outros, eles riram disso. Logo outro começou a ouvi-la. Houve também outras manifestações da presença de um ou mais espíritos no local. Se um homem é bom, ele continua a ser bom mesmo após a morte. Um homem santo é um homem santo mesmo após a morte. Um discípulo de Sri Ramakrishna relata que quando ele estava em Vrindaban fazendo *sādhana*, um espírito também se

juntou a ele. Se ele estivesse se levantando tarde da cama, ele o acordava. Similarmente, um homem mau após a morte continua a ser mau. Ele tenta assustar outros ou até mesmo fazer dano real. Uma vez tive uma experiência que talvez seja explicável. Eu estava visitando um lugar onde adoeci após uma hora da minha chegada. Fui bem cuidado, mas fiquei sozinho em um quarto grande. Precisava dormir, mas o sono não vinha. Comecei a ver em minha mente dois meninos, com idades entre oito e dez anos, espiando-me através da janela que estava fechada. Não apenas a janela estava fechada, mas meus olhos estavam fechados. A imagem me assombrou durante toda a noite. Foi uma das noites mais desagradáveis que já tive. Na manhã seguinte, as pessoas vieram perguntar como eu estava. Quando narrei minha experiência, elas se olharam atordoadas. Descobriu-se que dois irmãos haviam se afogado em um lago adjacente ao quarto onde fiquei apenas uma semana antes. Tive esta experiência. Ninguém me havia contado sobre esta tragédia. Eu nem mesmo tinha visto o lago porque a janela estava fechada quando fui levado para o quarto. Os dois meninos eram exatamente como eu os havia visto. Ainda consigo ver os meninos em minha mente, tão vívidos quanto eles eram.

Alguns espíritos estão ansiosos para voltar à terra. Em sua ansiedade, eles ‘possuem’ uma pessoa adequada. A pessoa que eles possuem automaticamente muda de caráter. Ela não é mais a pessoa original, ela é agora a pessoa que o espírito era quando vivo.

REENCARNAÇÃO

Assim como um homem tem um corpo grosseiro (*sthula*), ele tem também um corpo sutil (*sukshma*). Este corpo sutil está dentro do corpo grosseiro, que é sua cobertura externa. O corpo sutil também é material, mas a matéria neste caso é muito sutil. É quase etéreo. Não pode ser visto, mas às vezes pode ser visto, apenas um contorno da pessoa morta. Ele também pode realizar atos que você não esperaria de alguém que é apenas um espírito. Ele pode rir, chorar, falar ou fazer coisas como qualquer pessoa viva faz. Talvez ele tenha que fazer um grande esforço para fazer isso. Quando o ser deixa o corpo, uma pessoa altamente sensível pode ser capaz de ver algo nebuloso saindo dele. Esta substância nebulosa é a força vital (*mukhya prāna*). À medida que o tempo para o ser deixar o corpo se aproxima, ele focaliza todos os seus poderes — o poder de pensar, o poder de lembrar, o poder de se mover, de ver, de ouvir e assim por diante. De fato, ele coleta todos os seus órgãos — tanto os órgãos de percepção quanto os órgãos de ação, e os leva embora com ele. (*Kaushitaki Upanishad III.4*). O homem inteiro vai embora, mas é claro que o homem em sua forma sutil. Neste sentido, não é realmente morte, é apenas descartar a capa externa,

assim como o *Gita* diz, no II.22. Algumas pessoas acolhem bem esta partida, algumas ficam infelizes. Estas últimas tentam reentrar no corpo. Quando não podem, elas se apegam a algum outro corpo, isto é, elas ‘possuem’ alguma pessoa viva. Elas fazem isso apenas para desfrutar a vida, pois sentem que não tiveram o suficiente em termos de prazer. Um homem bom, no entanto, fica feliz em se livrar do corpo e vai embora para a região a que pertence por virtude do tipo de vida que viveu.

Mas como um homem renasce? Quando ele completou o período atribuído a ele de acordo com seu *karma*, é hora de retornar à terra. Ele volta à terra através da comida que seus futuros pais comem. Não é que seus pais o criem, eles criam apenas seu corpo, mas ele já está lá. Ele é uma identidade independente, completa com suas próprias peculiaridades físicas e mentais. Deve haver alguma afinidade entre ele e seus pais, mas ele é, no entanto, distinto. Caso contrário, como explicamos uma criança altamente dotada nascida de pais que são muito comuns ou uma criança muito comum nascida de pais altamente dotados? Eu mesmo vi um menino de quatro anos tocar *tabla* como um verdadeiro maestro. Ele fez isso em público em Calcutá diante de um grande público que incluía muitos músicos. Um *ustad* cantou e ele o acompanhou. Ele foi carregado por seu pai em seus braços. Ele estava visivelmente nervoso por se encontrar em um ambiente estranho. Mas quando o *ustad* começou a cantar, ele escapou dos braços de seu pai e começou a tocar *tabla*. Ele não precisou de incentivo, nem de ser empurrado para a frente. Ele tocou por uma hora inteira. Enquanto tocava, ele parecia maior e mais velho, seus maneirismos característicos de um tocador de *tabla*. Ele, um especialista em *tabla*, mas seu pai não sabia nada sobre *tabla*; na verdade, ninguém na família era musical. Os pais eram pessoas simples do campo, passando a maior parte do tempo no campo agrícola. Eles não tinham tempo para música. O menino foi descoberto por um vizinho que era um especialista em *tabla*. Ele encontrou o menino tocando um *tāla* altamente intrincado em um vaso de latão. O menino ficou feliz quando recebeu a *tabla*. Ele a tocou com entusiasmo. Foi este senhor que induziu os pais a apresentar o menino ao público de Calcutá. A menos que você admita que o menino carregou consigo sua habilidade com a *tabla* de seu nascimento anterior, seria difícil explicar este fenômeno. Também ouvi falar de outros prodígios — por exemplo, uma menina de nove anos (de novo nascida de pais completamente ignorantes de sânscrito) falando sânscrito fluentemente. Às vezes você encontra pessoas que parecem muito familiares para você. Elas acabam sendo completas estranhas. Similarmente, você visita um lugar onde tudo parece familiar para você. Mas você nunca esteve lá antes! Também às vezes temos pensamentos e sonhos que de nenhuma maneira podem ser rastreados até qualquer experiência em nossa vida atual. Como é isso? A única explicação possível é que existem reflexos de nossas vidas

passadas. Cada um de nós é distinguido por suas inclinações, tendências e preferências. A hereditariedade não pode explicar todas elas. Nem todas elas foram adquiridas na vida presente. Algumas delas devem ter vindo conosco de vidas passadas.

UM CASO CONCRETO

Muita pesquisa está atualmente em andamento sobre pessoas que afirmam se lembrar de suas vidas passadas. Várias fundações estão apoiando tal pesquisa. A pesquisa está produzindo evidências surpreendentes a favor da reencarnação. Um daqueles engajados nesta pesquisa, o Prof. Ian Stevenson do Departamento de Parapsicologia da Universidade de Virgínia, registrou muitos casos que ele e seus colegas encontraram nos quais há prova incontestável de reencarnação. Eu encontrei pessoalmente o Prof. Stevenson e discuti este assunto com ele. Ele não está preocupado com filosofia, ele está preocupado apenas com fatos. Ele diz que em todo o mundo tais casos podem ser encontrados. Como isso é possível, ele não sabe. No Volume I da série de livros que ele escreveu, há o caso de Dolan Champa. Eu conheço esta garota e seus pais muito bem. Quando ela tinha apenas três ou quatro anos, ela começou a dizer que era um homem em sua vida anterior e pertencia a uma família bem conhecida de Burdwan. Quando ela tinha seis anos, ela insistiu que fosse levada para sua casa original. Ela disse que mostraria o caminho apenas se fosse levada para Burdwan. Ela foi levada, mas não conseguiu identificar a casa, embora, como mais tarde se revelou, ela tivesse levado seus pais muito perto dela. Ela fez outra tentativa e desta vez ela teve sucesso. Ela não apenas levou seus pais para a casa certa, mas também identificou todos os membros da família. Ela até mostrou suas roupas e artigos de uso diário. A garota agora tem dezessete anos, mas mesmo agora ela às vezes fala de sua antiga casa, embora não tão frequentemente quanto antes. Este é apenas um breve esboço de todo o caso. Stevenson diz que há centenas de tais casos que ele e seus colegas encontraram. Ele diz que eles verificaram e re-verificaram os fatos de cada caso antes de aceitá-los como verdadeiros. A menos que tenham tido prova convincente, eles não aceitaram qualquer detalhe como verdadeiro.

Pode-se questionar a solidez da filosofia sobre a reencarnação, mas não a reencarnação em si. A vida após a morte é vida, embora as circunstâncias possam mudar. Não há escapatória do ciclo de nascimento e morte, enquanto alguém não souber que não é o corpo, mas o espírito que é o mesmo em todo ser e em toda parte, Brahman.

• • •